

Estudos

Interdisciplinares sobre

Gênero e Feminismo

Solange Aparecida de Souza Monteiro

(Organizadora)



**Atena**  
Editora

Ano 2019

Estudos

Interdisciplinares sobre  
Gênero e Feminismo

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)



**Atena**  
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Lorena Prestes  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
E82	<p>Estudos interdisciplinares sobre gênero e feminismo 1 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Estudos Interdisciplinares sobre Gênero e Feminismo; v. 1)</p> <p>Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-789-5 DOI 10.22533/at.ed.895191911</p> <p>1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 306.7</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Feminista... é fazer aquilo que diziam que eu não podia fazer; aquilo que diziam que só o homem pode fazer, eu como mulher também posso fazer. Feminista, acima de tudo é quebrar barreira, é mostrar que a gente pode fazer o trabalho independente do homem, não necessariamente que tenha um do lado. (Ajurimar Bentes – integrante do Grupo de Mulheres Guerreiras Sem Teto, do Movimento dos Sem Teto de Salvador, 2010)

A interdisciplinaridade é uma alternativa em relação ao conhecimento compartimentado em disciplinas e ao discurso de autores contemporâneos que, se por um lado têm representado avanços em algumas discussões específicas, por outro, fica a dever na abordagem científica e na problematização de temas que devem ser considerados em sua complexidade e que ultrapassam o âmbito teórico e metodológico de uma única disciplina. A reflexão interdisciplinar, métodos de uma área para outra, o que possibilita a geração de novos conhecimentos e profissionais com fundamentação sólida e integradora.

A construção das identidades culturais e de gênero na sociedade contemporânea, cujas transformações especialmente a chamada globalização, “acirrada” desde a década de 70 são objeto de reflexão da teoria social. A partir da compressão do tempo-espço, da globalização da economia e da informação, a construção das identidades ganha novos contornos e necessita ser discutida. As travestis, transformistas, drag-queens e transexuais os transgêneros refletem as constituições de identidade e de gênero.

A sociedade contemporânea tem sido objeto de várias discussões na teoria social, particularmente suas transformações a partir da década de 70. Nessas discussões são várias as denominações para este processo, como pós-modernidade, modernidade tardia, modernidade reflexiva. Esses rótulos, entretanto, não são o que mais importa, mas sim as modificações intensas e contundentes na contemporaneidade e, acredito, vale a pena refletir sobre alguns aspectos dessa mudança.

Antes de tratar especificamente da questão da identidade na sociedade contemporânea, parece-me importante inserir na discussão alguns autores que refletem sobre o próprio cenário contemporâneo embutindo nessa discussão, de forma mais ou menos explícita, a questão das identidades. Como se dá a construção e reconstrução das identidades em um cenário fragmentado, permeado estética e informacionalmente pela mídia, por imagens sobrepostas, por informações sobrepostas, redes, fluxos, riscos e incertezas.

Hall afirma ainda que um aspecto importante relacionado à questão da identidade estaria ligado às transformações na alta modernidade, especialmente a globalização. As mudanças de tempo e espaço, as fragmentações dentro da própria modernidade e a ruptura com antigas tradições, a diferença como característica fundamental, enfim,

processos de descontinuidade, fragmentação, ruptura, deslocação, características da alta modernidade, contribuiriam sobremaneira para a transformação das identidades, que se tornariam fragmentadas e plurais. “Quanto mais a vida social torna-se mediada pelo marketing global de estilos, lugares e imagens, pelos trânsitos internacionais, por imagens de mídia e sistemas de comunicações em redes globais, mais as identidades tornam-se destacáveis - desconectadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicas, parecendo estar ‘à deriva’. Somos confrontados por uma série de diferentes identidades, cada uma delas nos atraindo, ou antes atraindo diferentes partes de nós, a partir das quais parece possível fazer escolhas.” (Hall, 1995: 57). Não é possível, então, pensar as identidades de forma deslocada do contexto, da experiência concreta. Na sociedade contemporânea parece ser difícil pensar no desejo de uma “unidade”. A globalização, assim, antes de estar vinculada a uma totalidade transcendente, permitiria uma proliferação de fragmentos. Ou seja, o local como parte integrante do mundo. Paisagens reais e virtuais que, de algum modo, se oferecem ao olhar de maneira parcial, mas ao mesmo tempo, como parte de um todo.

Na construção de uma perspectiva interdisciplinar, tão necessária para se dar conta dos processos multidimensionais, usar o conceito de gênero, a reprodução das ideologias e relações de gênero a partir das seguintes dimensões a) a dimensão simbólica, referente aos modelos e tipos ideais sobre masculino e feminino; b) a dimensão normativa, que diz respeito a tradução desse mundo simbólico em normas e valores c) a dimensão institucional, pertinente as instituições sociais – tais como, família, escola, estado, igreja, mídia, mercado, dentre outras – responsáveis pela disseminação dessas normas e valores; e d) a dimensão subjetiva, que diz respeito ao processo de interiorização desses valores e comportamentos correspondentes. Outro marco fundamental é *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, publicado em 1949. A sentença mais utilizada é a notória “Não se nasce mulher, torna-se”.

Não basta a simples “transmissão de conhecimentos” teóricos provenientes dos estudos interdisciplinares de gênero e sexualidade na superação de preconceitos e discriminações na escola. É necessário ir além, abrir espaços no interior das instituições escolares para se problematizar os sentimentos, as resistências e os preconceitos que cercam esta temática.

Solange Aparecida de Souza Monteiro



## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
“E EU NÃO SOU UMA MULHER?”: FRAGMENTOS DE UM DISCURSO FEMINISTA ANTIMANICOMIAL OU SOBRE A NECESSÁRIA GARANTIA DE LUGAR DE FALA E ESCUTA À MULHER LOUCA	
Priscila Coimbra Rocha Clarice Moreira Portugal Caliandra Machado Pinheiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919111</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
A FORÇA DAS CONSTRUÇÕES SOCIAIS NA VIVÊNCIA DO MÉTODO CANGURU	
Joise Magarão Queiroz Silva Mariza Silva Almeida Edméia de Almeida Cardoso Coellho Talita Batista Lefundes Kelly Cruz Pimentel Sampaio Liliane de Souza Cruz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919112</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>22</b>
A PARTICIPAÇÃO FEMININA NAS FORÇAS MILITARES ESTADUAIS: UM OLHAR SOBRE O PERCENTUAL PARA INGRESSO DE MULHERES NAS POLÍCIAS MILITARES À LUZ DO DIREITO FUNDAMENTAL DA IGUALDADE	
Isabel Gomes de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919113</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>35</b>
A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DAS MULHERES NA AGROECOLOGIA EM ALAGOAS	
Samara Farias dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919114</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>47</b>
A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA VÍTIMA DE VIOLÊNCIA NO <i>ESTADÃO</i> : O CASO DE AMANDA BUENO	
Luíza Buzzacaro Barcellos Janie Kiszewski Pacheco	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919115</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>58</b>
ASSISTÊNCIA DA ENFERMAGEM OBSTÉTRICA E SEU VALOR NO RESGATE DA AUTONOMIA E EMPODERAMENTO	
Joise Magarão Queiroz Silva Talita Batista Lefundes Kelly Cruz Pimentel Sampaio Írbia Fernandes de Medeiros Letícia da Silva Cabral Cleuma Sueli Santos Suto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919116</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>65</b>
AS MEDIDAS PROTETIVAS MAIS APLICADAS EM CASOS ENVOLVENDO A LEI MARIA DA PENHA EM ORLEANS-SC	
Alessandra Knoll	
Felipe Basso Silva	
Gabriel Bittencourt de Aguiar	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919117</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>78</b>
DE LEGGINGS À LUTA: A CONSTITUIÇÃO DO COLETIVO FEMINISTA MARIA BADERNA NO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA – IFBA	
Taise de Jesus Chates	
Mirela Santiago Santos	
Rafael Bomfim Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919118</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>87</b>
AS MULHERES DE CLARICE: UMA ANÁLISE FEMINISTA DOS CONTOS “A FUGA” E “RUÍDO DE PASSOS”	
Thainá Oliveira Chemelo	
Anna Marcella Mendes Garcia	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919119</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>100</b>
DIVERSIDADE DE GÊNERO E POLÍTICAS AFIRMATIVAS	
Jorge Adrihan do Nascimento de Moraes	
Valdenora Souza Mota	
Dayane Rainha da Silva	
Maria Madalena Pontes Melo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919110</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>111</b>
PRINCESAS NA <i>TIMELINE</i> : A REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO DAS PRINCESAS DISNEY NA INTERNET	
Ana Carolina Rocha Lisita	
Patrícia Quitero Rosenzweig	
Rosa Maria Berardo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919111</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>124</b>
DIÁLOGOS CONJUGAIS DESENCONTRADOS EM <i>O SILÊNCIO</i> (1981), DA PORTUGUESA TEOLINDA GERSÃO (1940)	
Denise Rocha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919112</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>136</b>
ERVAS MEDICINAIS: SABER E PRÁTICA NO FAZER FEMININO	
Daniela Bento Alexandre	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8951919113</b>	



<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>146</b>
EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS NÃO ESCOLARES: UMA ANÁLISE A PARTIR DA CONCEPÇÃO DAS MULHERES DEPENDENTES QUÍMICAS	
Ana Tereza Bernardo Ribeiro de Jesus Suzana Alves Nogueira Larissa da Conceição Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89519191114</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>150</b>
A INSERÇÃO DAS MULHERES NO DESENVOLVIMENTO REGIONAL NORDESTINO ATRAVÉS DE DINÂMICAS ECONÔMICAS COLABORATIVAS	
Sunamita Iris Rodrigues Borges da Costa Assíria Marielle da Silva Dantas Azilis Camille Pierrel Laísa Maria da Silva Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89519191115</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>163</b>
LAERTE-SE: A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE ALÉM DO GÊNERO	
Juliana Maria Duarte Marques	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89519191116</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>175</b>
EXPRESSÕES ATIVISTAS DO POLIAMOR E DESBANQUE DE PRIVILÉGIOS MASCULINOS: ENFRENTAMENTO PELA PSICOLOGIA POSITIVA E RECURSO TÉCNICO DA RESILIÊNCIA	
Maria Juivalda Barbosa Izaura Maria Carvalho da Graça Furtado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89519191117</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>186</b>
MULHER PRETA E A INTELLECTUALIDADE “ A SÍNDROME DA NEGA METIDA”	
Thalita Santos Reis Luduvico	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89519191118</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>195</b>
MOVIMENTO CAPOEIRA MULHER – MANDINGAS, MALÍCIAS, SABERES ANCESTRAIS E FEMINISMO NA RODA	
Maria Zeneide Gomes da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89519191119</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>209</b>
MULHERES AMAZÔNIDAS E SUA RELAÇÃO COM EMPRESAS DE BIOCOSMÉTICOS: ENTRE NOVAS RURALIDADES E VELHAS CONCEPÇÕES DE GÊNERO	
Ruth Helena Cristo Almeida Carolina da Silva Gonçalves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89519191120</b>	

<b>CAPÍTULO 21 .....</b>	<b>217</b>
O DESAFIO DAS PESCADORAS DE AÇUDE DO TERRITÓRIO DOS INHAMUNS CRATEÚS. IDENTIDADE, TRABALHO E RECONHECIMENTO	
Viviana Pittalis	
Anita Dias	
DOI 10.22533/at.ed.89519191121	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA .....</b>	<b>227</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>228</b>

## AS MULHERES DE CLARICE: UMA ANÁLISE FEMINISTA DOS CONTOS “A FUGA” E “RUÍDO DE PASSOS”

### Thainá Oliveira Chemelo

Universidade da Amazônia – UNAMA.  
Mestranda do PPGCLC – Programa de Comunicação, Linguagem e Cultura. Belém, Pará.  
thainachemelo@hotmail.com;

### Anna Marcella Mendes Garcia

Universidade Federal do Pará – UFPA. Mestranda do PPGD – Programa de Pós-Graduação em Direito. Belém, Pará. marcellamendesgarcia@gmail.com.

**RESUMO:** A posição secundária ocupada pelas heroínas nos romances de autoria masculina deu ensejo à chamada Crítica Feminista, a qual tem assumido o papel de questionadora da prática acadêmica patriarcal. No âmbito do ensino, há uma tendência de se manter no “topo da pirâmide” os discursos dos “mestres”, perpetuando o cânone literário, constituído pelo homem ocidental, heterossexual, branco e de classe média alta, o que contribui com a exclusão e/ou o silenciamento das vozes ditas Outras. Quando as mulheres começaram a ler e a escrever romances, utilizando pseudônimos, houve a constatação de que a experiência da mulher como leitora e escritora é diferente da masculina e isso implicou em mudanças significativas no campo intelectual. O presente trabalho objetiva analisar dois contos de Clarice Lispector sob o olhar da Crítica Feminista, a fim

de verificar de que modo a questão de gênero está presentes nas obras, tendo em vista que a análise parte de uma autora mulher, que fala de mulheres, para um público eminentemente feminino.

**PALAVRAS-CHAVE:** Clarice Lispector, Crítica Literária Feminista, Gênero.

### CLARICE’S WOMEN: A FEMINIST ANALYSIS OF THE TALES “A FUGA” AND “RUÍDO DE PASSOS”

**ABSTRACT:** The secondary position occupied by heroines in male-authored novels has given rise to the so-called Feminist Criticism, which has assumed the role of questioning patriarchal academic practice. In the field of education, there is a tendency to keep the “masters” discourses at the “top of the pyramid”, perpetuating the literary canon, constituted by the western, heterosexual, white and upper middle class man, which contributes to the exclusion and / or the silencing of the so-called Other voices. When women began reading and writing novels using pseudonyms, it was found that women’s experience as a reader and writer is different from that of men, and this has led to significant changes in the intellectual field. This paper aims to analyze two short stories by Clarice Lispector from the perspective of Feminist Criticism,

in order to verify how the gender issue is present in the works, considering that the analysis comes from a woman author, who speaks of women, for an eminently female audience.

**KEYWORDS:** Clarice Lispector, Feminist Literary Criticism, Gender.

## INTRODUÇÃO

Clarice Lispector se destaca pelas reflexões feitas sobre a mulher do século XX habitante dos grandes centros urbanos. A escritora inovou a estética literária brasileira e se destacou pela perspectiva intimista no que tange à estrutura do texto narrativo. As personagens de Clarice representam a alienação dos habitantes das grandes cidades, geralmente tensos e imersos em um mundo repetitivo e inautêntico, que os despersonaliza. As mulheres estão sempre envolvidas com os problemas de casa e não se dão conta do quão medíocre é a vida em função de homens inexpressivos, dominadores ou autoritários.

Influenciada pelo existencialismo de Sartre, Lispector se ocupa, em grande parte de sua obra, das mulheres, especialmente em seu aspecto psíquico, entretanto, é provável que ela não gostaria de ser cunhada atualmente como feminista – e aqui vale ressaltar que sua escrita é anterior à consolidação do movimento feminista no Brasil -, muito em parte por não aceitar classificações de sua obra, até mesmo quando dizia respeito ao gênero literário.

Entretanto, suas narrativas se transformam em espaço para discussão das relações de poder, pois constituem um importante registro da condição da mulher no século XX.

Zolin (2009) acredita que as obras de Lispector, apesar de não serem consideradas feministas, trazem à tona características que dizem respeito ao movimento e suas conquistas, como: a) demonstrações e conflitos com os valores patriarcais; b) textos que tornam visível a repressão feminina nas práticas sociais; c) tentativa de libertar a mulher da opressão que tem tolhido seus movimentos; d) e desmontagem dos alicerces das narrativas centradas na visão patriarcal do feminino.

A Crítica Feminista, por sua vez, desempenha um papel questionador e desestruturador dos paradigmas desde a sua criação, em 1970, com a tese de doutorado de Kate Millet, intitulada *Sexual Politics*, que traz à tona discussões acerca da posição secundária ocupada pelas heroínas nos romances de autoria masculina, trazendo à luz a prática acadêmica patriarcal, em especial no campo da literatura.

O objetivo deste trabalho é analisar as obras “A fuga” e “Ruído de passos” sob a abordagem da crítica feminista, identificando de que modo as protagonistas são influenciadas pelos papéis de gênero vigentes na sociedade de sua época e, em grande parte, presentes também na atualidade. Para tanto, utilizou-se o método monográfico, por meio de uma pesquisa bibliográfica qualitativa e descritiva com

base na metodologia feminista, buscando evidenciar o papel da mulher na sociedade por meio das obras analisadas.

## **A CRÍTICA FEMINISTA, A MULHER LEITORA E A PROBLEMÁTICA DO CÂNONE LITERÁRIO**

Para iniciar a discussão, faz-se necessário apresentar um breve histórico da Crítica Feminista como instrumento de análise. Desde a sua origem em 1970, essa vertente da crítica literária tem assumido o papel de questionar práticas acadêmicas consolidadas em um modelo patriarcal. A constatação de que a experiência da mulher como leitora e escritora é diferente da masculina implicou significativas mudanças no campo intelectual, marcadas pela quebra de paradigmas e pela descoberta de novos horizontes de expectativas.

A crítica literária feminista, aqui entendida como a análise pautada na teoria feminista enquanto movimento político, social e filosófico, problematiza de forma contundente a noção de universalidade do sujeito e os parâmetros de verdade e subjetividade, afirmando que tudo isso era, na realidade, uma construção masculina. Isto porque, como em diversos ramos do conhecimento, a literatura também assumiu, conscientemente ou não, o homem branco como referencial de universalidade, tanto enquanto escritor, quanto como leitor, de tal modo que a prática literária girava em torno dele, cabendo às mulheres um papel secundário ou mesmo nenhum papel.

O ato fundador da crítica feminista, segundo Bellin (2011), foi uma releitura de obras que fazem parte da tradição literária ocidental, quase em sua totalidade escrita por homens. Tal crítica se concentrava nos modos de representação de personagens femininas e continha um caráter de denúncia, afirmando que elas eram muitas vezes representadas como seres passivos, sem qualquer influência no desenrolar da ação de romances centrados na experiência masculina, com as mulheres relegadas à sombra de algum personagem masculino.

A crítica literária feminista acaba inaugurando uma crítica de resistência, pois a leitora feminista, ao contrário da mulher que lê uma obra de ficção sem criticar e analisar, nunca se perde nas páginas de um romance, pois sempre questiona a herança cultural e literária da qual é conseqüência, como buscamos fazer no presente artigo.

A Crítica Feminista alerta para o fato de que a dominação patriarcal da escrita e das narrativas está presente também em autoras mulheres. Segundo Spivak (2010), quando as mulheres que escrevem vêm da “cultura” dominante, elas às vezes compartilham com os autores do sexo masculino a tendência de criar um “outro” mal concebido (frequentemente feminino), em uma espécie de pacto social intersexual classista e eurocêntrico. Mais uma vez, essas tendências textuais são a condição e o efeito do senso comum.

Algo semelhante ocorre nos contos de Lispector, com personagens mulheres que desenvolvem uma narrativa masculina, marcada pela dominação patriarcal, atravessadas por seus papéis de gênero, cercadas de obrigações domésticas, incapazes de serem felizes por si mesmas, apagadas em decorrência da presença masculina e, no momento de epifania – presente em toda obra da autora -, fogem à estrutura normativa, mas tão somente para depois voltar à mesma estrutura opressora todas as vezes. Esse momento de epifania, marcado por um processo profundo de descoberta do óbvio, as provoca o desequilíbrio; as personagens são levadas a uma reforma íntima e radical, contudo, temporária.

Sobre a problemática envolvendo a generificação do cânone literário, Fetterley afirma que “ler o cânone do que é considerado literatura clássica americana é identificar-se com o masculino.” (FETTERLEY apud FELSKI, 2003, p.33). No contexto da América Latina, mais especificamente no Brasil, a problemática é ainda maior, pois além da masculinização, envolve ainda a forte tradição de colonialidade que associa a literatura do Sul Global (países considerados como em desenvolvimento) a uma literatura pitoresca, exótica, em um discurso pautado na dominação européia e, conseqüentemente, na inferiorização, colocando certas pessoas e grupos em posição inferior a outros.

A literatura de autoria feminina brasileira iniciou seu percurso no século XIX, quando vigorava o Romantismo, com Maria Firmino dos Reis, autora do primeiro romance abolicionista e feminino intitulado “Úrsula”, de 1859. Foi o século da consolidação da literatura brasileira, mas também da formação de um cânone literário marcadamente masculino, branco e elitista, excluindo as mulheres da participação na história literária.

Para Reis (1998), em se tratando do cânone literário, não se pode negar o fato de que, numa dada circunstância histórica, indivíduos dotados de poder atribuíram arbitrariamente *status* literário a um texto ou autor em detrimento de outros, tornando-o canônico. Ficam, portanto, evidentes as relações de poder que subjazem a formação de um cânone literário, demonstrando que o mesmo reflete “pilares básicos que sustentam o mundo ocidental, tais como o patriarcalismo, o arianismo e a moral cristã”. (REIS, 1998, p.72). Para desconstruir esse processo é necessário problematizar sua historicidade, o que não significa somente incluir alguns escritores não ocidentais ou mulheres, mas sim evitar hierarquias sociais que compartmentam a sociedade.

Desse modo, para que as mudanças aconteçam se faz fundamental dar importância ao gênero como instrumento de análise e crítica literária. Por isso, a partir dos anos 80, o gênero tornou-se para a crítica feminista uma categoria de análise do texto literário. Segundo Campos (1992), o estabelecimento do gênero como categoria fundamental de análise literária ensejou alguns abalos à tradição ocidental e, claramente, também foi alvo de muitas críticas, especialmente quanto ao caráter de resistência da leitura feminista, sob a argumentação principal de

que leitoras feministas adotavam um ponto de vista muito pessoal ao interpretar um texto, e que uma perspectiva que leva em consideração as configurações de raça, gênero e classe torna muito restrito o escopo de análise textual (ELLIS, apud FELSKI, 2003, p.10). Felski, porém, discorda desta afirmação. Para ela, uma análise de cunho feminista não quer simplesmente acusar os escritores de machismo e/ou misoginia, tampouco transformar textos literários em meros reflexos de vivências de gênero, mas sim enfatizar a importância das mulheres nas obras literárias e no curso da história (FELSKI, 2003, p.8).

O gênero enquanto categoria de análise marcará o debate acadêmico a partir da década de 1990, em diversas áreas. Segundo Scott, o gênero pode ser definido como:

“toda e qualquer construção social, simbólica, culturalmente relativa, da masculinidade e da feminilidade. Ele define-se em oposição ao sexo, que se refere à identidade biológica dos indivíduos” (SCOTT, 1990, p.5).

Dessa forma, ele não se confundiria com o sexo biológico, na medida em que trata-se de uma categoria construída socialmente que impõe determinados padrões ou expectativas de comportamento sobre o corpo sexuado, constituindo fator determinante daquilo que torna o ser biológico um ser social. Segundo LaRetis, o gênero também é a representação de uma relação de pertencer a uma classe. Butler (2003) defende a ideia que se alguém é uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é, o que permite a compreensão do que Crenshaw (2002) cunhou de interseccionalidade, isto é, a noção de que o gênero enquanto dispositivo de poder estabelece conexões ou sobreposições com outras categorias de opressão raciais, classistas, étnicas, sociais e regionais de identidade discursivamente constituídas.

Os estudos de gênero rejeitaram as ideias essencialistas ao afirmar que as características ditas intrinsecamente femininas e masculinas não são inerentes aos sexos e sim construídas na esfera social. Ao considerar o gênero como categoria de análise, entendemos que o gênero de autoria influencia as representações de mundo contidas na obra deste autor ou desta autora.

De acordo com Moi, a leitura feminista, além de não ser neutra nem imparcial (nenhuma leitura é), é sempre política, pois “todos falam a partir de uma posição conformada por fatores culturais, políticos, sociais e pessoais” (MOI, 1991, p.55), logo, a crítica está para a produção e recepção de obras literárias como uma nova possibilidade de mostrar que os enredos e os personagens se organizam em torno das configurações de gênero.

Uma leitura feminista e/ou de gênero, portanto, leva em consideração na análise do texto literário o gênero do autor, do leitor e as configurações sociais que permeiam a vida de homens e mulheres.



## AS AMARRAS DO LAR: ANÁLISE DA PROTAGONISTA ELVIRA, DO CONTO “A FUGA”

Por meio da análise do conto “A fuga”, escrito na década de 1940, discutimos a representação literária que a autora faz do papel de uma esposa e dona-de-casa na sociedade brasileira da época. A sensação de não-pertencimento e de inadequação são as preocupações principais das heroínas da autora, e com Elvira não poderia ser diferente.

Existem diversas análises desse conto, porém elas só foram elucidadas com a colaboração da crítica feminista. Afinal, a angústia vivenciada por personagens como Elvira está enraizada na construção de uma sociedade patriarcal, situação que não é levada em conta por muitos teóricos da literatura.

Resumindo a trajetória vacilante de Elvira, podemos dizer que o conto trata de apenas um dia de sua vida, que poderia ter sido igual a todos os outros, salvo a sua disposição de torná-lo uma nova etapa. Elvira é a mulher que rasga as próprias roupas enquanto uma chuva torrencial cai, sendo que, minutos antes, estava se preparando para prosseguir a repetida rotina: ler um livro à janela, como fazia todas as tardes. Porém, o momento da descoberta e da mudança – ainda que temporária – chega. O momento de epifania vem com o calor da tarde sufocante:

Como foi que aquilo aconteceu? A princípio apenas o mal estar e o calor. Depois qualquer coisa dentro dela começou a crescer. De repente, em movimentos pesados, minuciosos, puxou a roupa do corpo, estraçalhou-a, rasgou-a em longas tiras. O ar fechava-se em torno dela. (LISPECTOR, 2009, p.44).

Após esse momento, Elvira veste-se rapidamente e juntando o dinheiro que encontra em casa ela parte pelas ruas. Aqui, pela palavra escolhida e pela época em que o conto foi escrito, podemos supor que o dinheiro que ela encontra pela casa não lhe pertencia, e sim ao marido, que era um homem de negócios, o qual deveria deixar pequenas somas para eventuais necessidades domésticas. O desejo é de fuga, mas o plano é frustrado e Elvira retorna para casa e para o marido.

A protagonista surge como atormentada pelo o que vai acontecer e isso revela o quanto ela está com dificuldade de manter as rédeas da sua vida. Elvira deseja escapar da rotina de monotonia, da dominação masculina, de um casamento fracassado, da repetição de sua vida.

A surpresa em tom de descoberta de Elvira que “bem, as coisas ainda existem. [...] Há doze anos era casada e três horas de liberdade restituíam-na quase inteira a si mesma – primeira coisa a fazer era ver se as coisas ainda existiam” (LISPECTOR, 2009, p.42) denuncia o grau de aprisionamento doméstico que as mulheres eram e são mantidas na instituição do casamento. A limpeza da casa, o trabalho doméstico, o cuidado com os filhos e o marido, todos, em algum grau, meios para paralisar uma mulher. Afinal, conforme destaca Yeatman (1984), denunciando a exclusão da sociabilidade doméstica, em meio a prevalência do universo público, o ser envolvido

na esfera privada não se sente participante da sociedade. É o que a autora esclarece ao analisar que os valores de liberdade estão tradicionalmente relacionados apenas à vivência no mundo externo.

Essa manutenção da mulher dentro de casa, exercendo um trabalho não remunerado para o marido e filhos, a coloca em uma situação de exclusão e de incapacidade de desenvolver relações políticas e sociais, mantendo-a sempre em uma posição subalterna a do homem que possui o trabalho remunerado, o único reconhecido socialmente. Biroli (2017) discorre sobre a divisão sexual do trabalho, ou seja, o que vem sendo definido historicamente como trabalho de mulher, competência de mulher, lugar de mulher, e as consequências dessas classificações. A autora defende que a divisão sexual do trabalho está no centro da dinâmica de opressão das mulheres e da produção de gênero. Ela organiza a sua teoria a partir de dois pressupostos, sendo o primeiro a nos interessar, pois aduz que a divisão sexual do trabalho é uma base fundamental sobre a qual se assentam hierarquias e desvantagens que modulam a trajetórias das mulheres.

Às mulheres cabe o trabalho de casa – não remunerado e não reconhecido -, enquanto que aos homens destina-se o trabalho propriamente dito, remunerado e com status social, o que serviu para justificar hierarquias dentro e fora do espaço doméstico familiar. Esta dicotomia seria a base do patriarcado capitalista. A criação dos filhos e o cotidiano das atividades domésticas são trabalhos oferecidos gratuitamente pelas mulheres aos homens através de uma relação: o casamento. Percebemos, ao longo do conto, que a protagonista enxerga o casamento como um “mal menor” e se sente amedrontada por apenas cogitar a possibilidade de escapar dele. Assim como Elvira, mulheres seguem sendo exploradas, pois é potencialmente ruim estar fora dele. O casamento, seria assim a “melhor carreira economicamente falando”. (BIROLI, 2017, p.25). Esses doze anos de casamento são repetidos ao longo da narrativa quase como um mantra que lembra a personagem de que seu destino, a volta ao lar, parece inevitável. A família e o casamento permanecem, ainda, como nexos na produção de gênero e opressão das mulheres.

A questão do capital (ou da falta dele) aparece no conto quando Elvira justifica a impossibilidade de viajar, de fugir da realidade opressora que vive, na falta de dinheiro para as passagens.

Entretanto, ainda que Elvira tivesse condições econômicas, ela tampouco conseguiria escapar, pois é uma protagonista extremamente consciente do seu lugar social, de mulher, de subalterna, de subvalorizada, e que tem medo dos seus sonhos “inúteis” atrapalharem os negócios do marido. Se ela se submete aos percalços de um casamento fracassado durante tantos não é somente pela sua condição econômica, mas porque valores culturais do papel de mulher e esposa (que se confundem) se enraizaram nela.

Devido às amarras e aos sofrimentos presenciados por Elvira no ambiente doméstico, compreendemos porque ela se sentia confusa em sua experiência na

rua. A força das ideologias patriarcais presentes no seu íntimo vai paralisar qualquer desejo de resistência e mudança, afinal, é na passividade que a personagem vive, sentindo-se com medo até em seu próprio lar, quando afirma que a mera presença do marido conseguia tolher seus pensamentos.

Gouveia (2004) destaca que:

“o isolamento da personagem não é apenas uma opção de fuga ou subterfúgio; é antes produzido por uma gigantesca máquina de opressão e subjugação” (GOUVEIA, 2004, p. 19).

Essa máquina é tão opressora que Elvira divide o “ser mulher” em dois momentos: ser mulher casada e ser apenas mulher, denotando que, durante o casamento, a mulher não se fazia presente na sua vida e que, agora, livre, ela não era mais somente uma esposa, ela era uma mulher (LISPECTOR, 2009, p.45).

A protagonista confunde-se com os papéis sociais desempenhados por ela, anulando a sua própria essência feminina para cumprir o papel ideal e esperado pelo marido e pela sociedade de “mulher do lar”.

Suas vontades, muito pelo contrário, são anuladas em função do marido, como quando o narrador diz: “E nestes [hotéis] pode talvez encontrar algum conhecido do marido, o que certamente lhe prejudicará os negócios” (LISPECTOR, 2009, p.45). Aqui, a preocupação com o marido aparece em primeiro lugar, demonstrando que a ideologia patriarcal predomina na vida de Elvira e a sua consciência do seu lugar social se volta contra ela própria.

Assim como Abiahy (2006), acreditamos que o “alcoz” da personagem não seja somente o marido e sim toda a ideologia patriarcal que a circunda, impondo a ela um papel secundário de passividade excessiva em sua própria vida. O seu silêncio perante essa dominação não seria de serenidade ou resignação absoluta, e sim uma defesa para não sofrer mais violência. O poder da sociedade patriarcal de ditar as normas de comportamento das mulheres parece invencível para Elvira. As amarras do lar a trazem de volta.

## **A SEXUALIDADE DA MULHER VELHA: ANÁLISE DO CONTO “RUÍDO DE PASSOS”**

O conto citado faz parte do livro “Via Crucis do corpo”, escrito em 1974. Os teóricos atribuem o fracasso da obra aos problemas financeiros vivenciados por Clarice à época e ao curto espaço de tempo que teve para produzi-la, pois foi uma obra sob encomenda.

Ainda assim, a crítica feminista liderada por Arêas (2005) realizou um estudo sobre a obra que, segundo a pesquisadora, possui uma escrita literária que mostra o cotidiano dos seres em sua mais primitiva condição humana, destacando a figura da mulher exposta a um enfrentamento de suas próprias carências e traumas.

Segundo Arêas, as treze narrativas – incluindo “Ruído de passos” – giram em torno de mulheres e das necessidades do corpo e suas exigências, de maneira que a linguagem e o cenário erótico contribuem para o arranjo e desfecho de todas as histórias. Pela primeira vez na literatura de Lispector, o sexo aparece de forma tão direta e brutal. Ela reclama a posse do corpo feminino pela mulher.

A protagonista do conto é tratada como Dona Cândida Raposo. A presença do sobrenome do marido já falecido, Antenor Raposo, configura como um indício de uma convenção social moralizadora na qual a protagonista se vê inserida. Ela não é apresentada no conto com o seu sobrenome, mesmo já sendo viúva, e permanece sendo cunhada por “Dona”, o que denota um tratamento de linguagem diferenciado à mulher idosa e/ou casada, comum à época e não tão distante da atualidade, que impõe à mulher estar à sombra do marido, perdendo sua identidade.

Torna-se pertinente discutir o nome icônico da personagem. Ferreira (2011) considera que:

O primeiro termo de seu nome duplo se compõe de uma qualidade, candura e docilidade, própria de condicionamentos de gênero, e reverbera, ainda, no mesmo significante, uma doença venérea; o segundo termo nomeia um animal selvagem, cujo instinto indomesticável sinaliza para astúcia, sensualidade e sexualidade. (FERREIRA, 2011, p.89).

Assim, já no nome, vemos que a natureza da protagonista está dividida entre seguir os conceitos socialmente construídos a respeito da sexualidade feminina ou se entregar à natureza de mulher. No conto, a protagonista demonstra um desejo sexual ainda vivo, mesmo na avançada idade. Devido a este desejo irrefreável, a mesma acaba por cometer algumas transgressões aos padrões vigentes.

O peso dos papéis de gênero é evidente na personagem, que lida com sua sexualidade de maneira negativa, tratando-a como um problema, em um nítido reflexo das construções sociais envolvendo a relação mulher-sexualidade, nas quais a sexualidade feminina não é incentivada e o corpo da mulher velha já não é mais considerado atraente e receptivo.

Bourdieu (2005) explica a submissão e objetificação feminina ao ressaltar que a dominação masculina que constitui as mulheres como objetos simbólicos:

“tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro e para o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes e disponíveis” (BOURDIEU, 2005, p.85).

Para o autor, ao feminino não é dado o direito de existir em função de si próprio ou dos próprios desejos, uma vez que as mulheres só existem em função do olhar dos homens, enquanto objetos que devem ser passivos e disponíveis. Em relação à protagonista, a degradação do corpo em uma sociedade que privilegia a beleza e a juventude do sexo feminino, faz com que a sexualidade da mulher velha seja vista como inadequada, em que pese não o seja.

Dona Cândida é vítima do preconceito tanto da sociedade como dela própria por

buscar satisfação na terceira idade, o que, para um homem em condição semelhante, não seria nenhum estigma. Com seus mais de 80 anos, podemos supor que ela crescera em um ambiente inibidor da identidade sexual da mulher, o que justificaria em parte sua relutância em verbalizar seus anseios sexuais, o uso de eufemismos para falar de sexo e o sentimento de culpa que a toma.

Após o diálogo com o médico, a personagem decide “se arranjar sozinha” (LISPECTOR, 2009, p.18), o que novamente comunica uma série de verdades: desde a solidão à urgência por alívio ao recorrer à masturbação. Para a personagem, o prazer é sobrepujado pela vergonha de se realizar e de fazê-lo fora dos moldes construídos historicamente pela sociedade:

“(...) nessa mesma noite deu um jeito e solitária satisfez-se. Mudos fogos de artifício. Depois chorou. Tinha vergonha. Daí em diante usaria o mesmo processo. Sempre triste. É a vida, senhora Raposo, é a vida. Até a benção da morte” (LISPECTOR, 2009, p.18).

Freud (2010) aborda o modo como o papel desempenhado pelo amor figura na origem da consciência, o que causa a inevitabilidade do sentimento de culpa. Para ele, o corpo é habitado pela linguagem do desejo, mas devido à opressão cultural há a manifestação do sentimento de culpa, o qual tem duas origens, quais sejam:

“(...) o medo da autoridade e o posterior medo do supereu. O primeiro obriga a renunciar a satisfação dos impulsos; o segundo, além disso, compele à punição, visto que não pode se esconder do supereu a persistência dos desejos proibidos” (FREUD, 2010, p.151).

A repetição, por meio do ato masturbatório, trará a dona Cândida dores morais, pois embora o prazer seja secreto, a sua própria consciência a julgará por meio das construções sociais enraizadas em sua personalidade. Para a personagem, a morte será uma benção, pois apenas isso seria capaz de separá-la do apetite sexual que frequentemente a perturba.

Nesse conto, fica evidenciada a dupla marginalidade da protagonista, por ser mulher e também idosa. Verifica-se, também, um processo de expropriação da sexualidade da mulher velha. Isto porque a sexualidade é apartada desta mulher contra sua vontade, como se pertencente somente à juventude, de modo que, ao atingir a idade que a sociedade entende como característica da velhice, fosse excluída da condição de ser sexual. Este discurso faz com que a mulher velha se sinta um ser estranho, ou mesmo marginal, ao expressar seus desejos. Acreditamos tratar-se de processo derivado da objetificação da mulher, cujo corpo é visto como destinado ao prazer masculino e, na medida em que não há mais desejo do homem por este corpo, ou não há mais um homem na vida da mulher – como no caso da protagonista, que era viúva -, ele perde sua utilidade e, conseqüentemente, tem a sexualidade desprezada.

Neste aspecto, o sentimento de pertencimento do corpo feminino ao homem é tão presente na protagonista que ela, ao se masturbar, dominada pelo sentimento de

culpa, escuta “ruídos de passos” de seu falecido marido, como que chegando para julgá-la por sentir prazer em sua ausência.

O mérito de Clarice está em expor de forma pungente uma face da mulher velha não muito vista em obras literárias, ao enfatizar os apelos do corpo e a busca do direito ao prazer total no sexo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Clarice Lispector foi, a seu tempo, inovadora no que tange à imersão poética na década de 50. Sua literatura introspectiva e intimista fixou-se na crise do próprio indivíduo, em sua (in)consciência. É dessa forma que começa uma narrativa interiorizada, centrada em um momento de vivência interior da personagem que provoca o fluxo de consciência.

Apesar de não poder ser considerada uma autora feminista, Clarice tratava de temáticas notadamente afeitas ao universo feminino no século XX, escrevendo para mulheres e sobre mulheres, o que faz com que sua obra seja cenário farto e propício para uma análise literária a partir da Crítica Feminista.

Tal modalidade de crítica literária é pautada em uma leitura crítica das estruturais patriarcais, misóginas e/ou opressoras presentes no texto, partindo do pressuposto de que tanto a leitura quanto a escrita não são neutras, sendo influenciadas pelo seu contexto histórico-social.

No conto “A fuga”, a personagem principal vive um casamento infeliz, monótono e abusivo, que a prende no papel de esposa e em suas respectivas expectativas sociais, como docilidade, passividade e servidão, fazendo com que não se identifique mais como mulher. Quando, finalmente, passa por uma crise moral e tenta desvencilhar-se destas amarras, a personagem se vê impedida por diversos fatores, dentre eles a ausência de condições financeiras para fugir, uma vez que sua ocupação era o serviço doméstico não remunerado e desprezado socialmente, e, principalmente, por ter internalizado ao longo de doze anos de casamento que aquele era seu único papel na vida.

Na obra “Ruído de passos” é narrado o dilema de uma mulher idosa com sua sexualidade, pois apesar da avançada idade e do fato de ser viúva, ela ainda sente desejo sexual, o que lhe traz um dilema moral, pois enxerga, em um reflexo da sociedade, a sexualidade da mulher velha como um tabu, uma falta de vergonha, algo antinatural, o que lhe traz culpa. Este sentimento pode ser em parte atribuído à objetificação do corpo feminino, destinado exclusivamente ao prazer masculino.

As obras aqui analisadas convergem no que tange à presença expressiva de papéis de gênero bem delimitados que impõem às protagonistas comportamentos entendidos socialmente como padrões femininos, em que pese estes causem-lhes dor e sofrimento. São retratados nas personagens os estereótipos da feminilidade, como servidão, docilidade, objetificação, dentre outros, tendo a Crítica Feminista o



papel de destacá-los do texto e questioná-los enquanto paradigmas e estruturas de dominação das mulheres.

## REFERÊNCIAS

ABIAHY, Ana Carolina de Araújo. **Representações da tensão entre o sujeito feminino e a sociedade em Clarice Lispector**: análise dos contos “A fuga”, “Imitação da Rosa” e “Amor”. Dissertação de Mestrado, UFPB, 2006.

AREAS, Wilma. **Clarice Lispector**: com a ponta dos dedos. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BELLIN, Greicy Pinto. **A crítica literária feminista e os estudos de gênero**: um passeio pelo território selvagem. São Paulo: Revista FronteiraZ, n. 7, 2011.

BIROLI, Flávia. **Gêneros e desigualdades**: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Ed. Boitempo, 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, ed. Civilização Brasileira, 2003.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. **Gênero**. In: JOBIM, José Luis. *Palavras de crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Revista Estudos Feministas, Ano 10, 1/2002, p. 171-188.

FELSKI, Rita. **Literature after feminism**. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

FERREIRA, Valéria Rosito. **Anotações em torno do feminino em Lispector**: polifonia na tarefa do tradutor. Vertentes (UFSJ), v. 19, p. 80-94, 2011.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

GOUVEIA, Arturo. **A epopeia negativa do século XX**. In: *Dois ensaios frankfurtianos*. João Pessoa: Idéia, 2004, p. 19.

LAURETIS, Teresa. **Tecnologia de gênero**. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LISPECTOR, Clarice. **Clarice na cabeceira**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

MAGALHÃES, Luiz Antônio Mousinho. **Uma escuridão em movimento**: as relações familiares em Laços de família de Clarice Lispector. João Pessoa: Idéia; Ed. Universitária UFPB, 1997.

MOI, Toril. **Sexual/textual politics**: feminist literary theory. London: Routledge, 1991.

REIS, Roberto. Canon. In: JOBIM, Jose Luis. **Palavras de crítica**: tendências e conceitos no estudo da literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre: Educação e Realidade,



1990, p. 5-22.

SHOWALTER, E. **A crítica feminista no território selvagem**. Trad: Deise Amaral. In: HOLLANDA, H.B (org). *Tendências e impasses*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p.23-57.

**SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Trois textes de femmes et une critique de l'impérialisme (nouvelle version révisée)**. *Les cahiers du CEDREF*, 17, 2010, 107-146.

YEATMAN, Anna. **Gender and the differentiation of social life into public e domestic domains**. *Social Analysis*. n. 15, 1984, p. 32-49.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Literatura de autoria feminina**. In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana (org.). *Teoria Literária: Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas*. 3 ed. Maringá: Eduem, 2009.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO** - Doutoranda em Educação Escolar. Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo (IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: - Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio as Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), Membro da Equipe de Formação Continuada de Professores. Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, História da Educação Sexual, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do Grupo de pesquisa - GESTELD - Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Membro desde 2018 do Grupo de pesquisa “Núcleo de Estudos da Sexualidade - NUSEX”.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Açude 217, 221

Agroecologia 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45

Amanda Bueno 47, 48, 50, 52, 54, 55, 56

### C

Clarice Lispector 87, 88, 97, 98

Comunicação popular 136, 138

Contexto escolar 78, 82

Crítica literária feminista 87, 89, 98

Cuidado 11, 12, 14, 18, 19, 20, 24, 41, 50, 58, 60, 61, 62, 64, 82, 92, 131, 179, 217, 219

Cuidado de enfermagem 58

### D

Discursos 1, 2, 3, 4, 5, 7, 9, 16, 17, 50, 87, 103, 111, 113, 114, 117, 132, 133, 134, 168, 172, 183, 209, 227

Diversidade de gênero 100, 101, 102, 103, 105, 108

### E

Economia solidária 150, 152, 156, 157, 158, 160

Educação contra hegemônica 195

Empoderamento feminino 58, 61, 151, 160

Enfermagem 12, 15, 20, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 137

Enfermagem obstétrica 58, 60, 61, 62

Ervas medicinais 136, 138, 139, 143, 145

Estadão 47, 48, 49, 53, 54

Experiências educacionais 146, 147

### F

Feminismo negro 85, 186, 187, 188, 192, 194, 199, 207

### H

Humanização do parto 58, 59, 60, 61, 62, 63

### I

Identidade 6, 8, 12, 13, 17, 18, 19, 26, 32, 38, 43, 69, 78, 79, 91, 95, 96, 98, 103, 107, 109, 113, 117, 123, 126, 132, 139, 150, 157, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 208, 217, 218, 220, 221, 222, 225

Inclusão social 150, 158

Intelectualidade 186, 188, 192

Interseccionalidade 1, 3, 5, 6, 7, 10, 11, 78, 81, 85, 86, 91, 111, 112, 116, 117, 123

## J

Jornalismo 47, 49, 55, 56, 57

## L

Lei 19, 20, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 48, 51, 54, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 74, 75, 76, 77, 105, 106, 109, 147, 173, 187, 218, 223

Literatura portuguesa contemporânea 124, 129

## M

Medidas protetivas 65, 70, 71, 72, 75, 197

Método canguru 12, 14, 15, 16

Minorias 81, 100, 104, 105, 106, 107, 108

Movimentos sociais do campo 35, 40

Mulher 1, 2, 5, 6, 7, 8, 10, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 76, 79, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 103, 114, 117, 120, 123, 125, 127, 128, 129, 131, 132, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 158, 160, 161, 163, 164, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 176, 177, 181, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 213, 220, 221, 222, 223, 225

Mulher capoeirista 195, 201, 205

Mulheres 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 66, 67, 72, 76, 79, 81, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 103, 105, 107, 113, 114, 116, 117, 119, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 165, 167, 171, 172, 175, 176, 177, 178, 180, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 209, 210, 213, 215, 216, 217, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225

Mulheres dependentes químicas 146, 148

Mulher-trabalho 35

## O

Organização feminina produtiva 150

Organização social 17, 40, 166, 207, 209

## P

Parceria 156, 158, 164, 195, 202, 205, 209, 211, 213, 216, 220, 223

Pescadoras artesanais 217, 219, 225

Políticas afirmativas 100, 101, 102, 104, 105, 106, 108

Práticas pedagógicas 146, 147, 148

Prematuridade 12, 14, 19

Protagonismo feminino 35, 62, 63

## R

Representação 47, 51, 54, 56, 89, 91, 92, 111, 116, 119, 122, 125, 167, 169, 198, 211, 212, 219, 220, 221, 225

Resistência 38, 89, 90, 94, 130, 139, 170, 179, 183, 187, 190, 192, 193, 195, 199, 200, 203, 207, 219, 223, 225

Roda capoeira 195, 200

## S

Sertão 136, 144, 217, 220, 221

Solidão 96, 124, 187, 190

## T

Tradição 89, 90, 124, 129, 134, 196, 197

Transexualidade 163, 164, 165, 168, 169, 172, 174

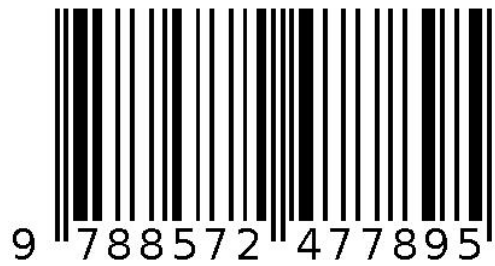
## V

Violência 4, 6, 11, 19, 20, 32, 43, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 94, 108, 141, 164, 170, 172, 187, 190, 191, 193, 200, 201, 204, 213, 225

Violência contra a mulher 47, 48, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 69, 76, 200

Volatilidade 124, 125, 126, 134

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-789-5



9 788572 477895